



Sarobá: retratos tortuosos do invisível

Sarobá: tortuous pictures of the invisible

Juliano Antunes Cardoso¹

Resumo: Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *O ser poético no fazer poético: a metáfora na poesia de Lobivar Matos*. Nele, procuramos demonstrar como o escritor corumbaense Lobivar Matos retratou poeticamente Sarobá, bairro pobre existente na cidade de Corumbá – MS, no começo do século XX.

Palavras-chave: poesia brasileira; fotografias poéticas; literatura sul-mato-grossense.

Abstract: This article is part of the dissertation entitled *Being poetic in poetic creating: the metaphor in poetry Lobivar Matos*. In it, we tried to show how Corumbaense Lobivar Matos portrayed poetically Sarobá, a poor neighborhood located in Corumbá city - MS in the early 20th century.

Key-words: Brazilian poetry; poetic pictures; sul-mato-grossense literature.

Lobivar Matos

Lobivar Matos nasceu em Corumbá, em 11 de janeiro de 1915. Ali cresceu tendo contato com uma realidade que tanto marcaria seus temas poéticos. Aos 18 anos foi para o Rio de Janeiro, onde se diplomou em Direito pela UFRJ. Durante sua vida exerceu o jornalismo, foi funcionário público, poeta e crítico literário. Faleceu no Rio de Janeiro em 27 de outubro de 1947.

A morte prematura, devido a uma operação malsucedida, reduziu a obra do autor à publicação de dois livros. O primeiro, publicado no Rio de Janeiro pela Irmãos Pongetti Editora, em 1935, intitula-se *Areôtorare*, subintitulada “poemas boróros”. *Areôtorare* significa, na cultura indígena dos bororos, “o índio sábio da tribo”. Esse livro possui vinte e nove poemas dentre os quais se destaca “Destino do Poeta Desconhecido”. O segundo livro, *Sarobá* (1936), foi publicado pela Minha Livraria Editora, do Rio de Janeiro. Na introdução dessa obra, Lobivar explica que Sarobá é “a macha negra bulindo na cidade mais branca do mundo” (1936, p. 6). Este livro contém 30 poemas, dentre eles o poema homônimo que abre o livro. Explicado pelo poeta, Sarobá representa um bairro de negros existente na cidade de Corumbá do começo do século XX.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas

Sarobá: mancha negra bulindo a cidade branca

No prefácio de seu primeiro livro, *Areôtorare* (1936), Lobivar Matos afirma que era dever dos poetas de sua geração falar “nos dramas dos desgraçados, dos miseráveis, dos párias sem pão, sem amor e sem trabalho” (MATOS, 1935, p. 8). Pois é no seu segundo livro que esse cunho social ganha força em sua poesia, fazendo com que o poeta alcance os seus melhores resultados artísticos.

Trinta poemas compõem o livro, sendo eles “Sarobá”, “Beco Sujo”, “Subjetivismo”, “Natureza morta”, “Maria Bolacha”, “Urucum”, “Negrinho Lambido”, “Religião”, “Esmola”, “Futuro do Aleijadinho”, “Rico”, “Introspecção”, “Delírio”, “Devoção”, “Mulata Isaura”, “Banzé de Cuia”, “Malícia”, “Travessia”, “Pelega”, “O suicida”, “Rodeio”, “Coisa Feita”, “Confusão”, “São Sebastião”, “Cartaz de Sensação”, “Sexo”, “Marechal”, “Senhor Divino”, “Caboclo Sabido”, “Momento” e “Derrocada”.

Tal qual *Areôtorare* (1935), *Sarobá* (1936) também traz em seu prefácio um esclarecimento do poeta sobre o nome escolhido. Havia duas variantes, a primeira Saróba e a segunda, a escolhida, Sarobá. Lobivar Matos define os dois termos desse modo:

A primeira é usada na “Nhecolândia”, zona pantaneira e por “excelencia” pecuária, com o significado de lugar sujo, onde os caboclos penetram com receio de algum “macharrão” acordado ou de alguma “boca de sapo” traiçoeira. A segunda, cuja origem não descobri ainda, é a denominação que recebe o bairro de negros de Corumbá. Lugar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando o fazem, se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente. Sentem repugância e nada mais, porque os infelizes continuam a vegetar em completo abandono, como se não fossem criaturas humanas.

Só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fóra daí a Favela em ponto menor é o templo eterno da Miséria, é a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo, na expressão de um inglês que passou por lá caçando onça e, quem sabe? Se petróleo também. (MATOS, 1936, p. 6-7).

Vemos que ambas as palavras designam lugares sujos, inóspitos e poucos habitáveis. Com esse prefácio podemos notar que o poeta quis deixar clara a metáfora estabelecida entre a Saróba e o Sarobá, evidenciando o desprezo que os habitantes da cidade branca têm para o bairro de negros, lugar sujo, repugnante, pois apinhado de infelizes que “continuam a vegetar em completo abandono, como se não fossem criaturas humanas” (MATOS, 1936, p. 7).

Esse ambiente de completa desolação chama a atenção do poeta, que vai retratá-lo em sua crueza. Já ciente de que o resultado disso não será tão agradável, Lobivar Matos continua o prefácio esclarecendo o processo e o resultado obtido pelo que ele chama de “as fotografias da série Sarobá” (MATOS, 1936, p. 7):

O fotografo bateu inúmeras chapas e não foi feliz. No momento não havia sol suficiente para fotografias nítidas e artísticas. Consolem-se. Não há outro remedio.

As fotografias da série de Sarobá foram bastante prejudicadas pela falta absoluta de luz. Era preciso luz, sol, muita luz. E havia – tortura do artista – treva, relâmpagos violentos e chuva, muita chuva... (MATOS, 1936, p. 7).

Essa escusa do poeta nos remete ao prefácio de seu primeiro livro. Isso porque se no prefácio “A minha gente” Lobivar reconhece que aquela época de lutas não era propensa nem ao poetas nem a poesia, no prefácio dessa segunda obra, Matos adianta que o resultado obtido pode não ser o esperado pelo leitor. Isso poderia indicar que Lobivar Matos compreendia que os leitores, acostumados com uma espécie de poesia ainda remanescente do bom e do belo, estranhariam seus poemas extremamente realistas, quase chocantes.

Elaine Cancian, em seu *A cidade e o Rio: Escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza – o caso de Corumbá (MS)*, de 2006, ao falar sobre a formação da cidade de Corumbá trata também desse pouco mencionado bairro chamado Sarobá. Segundo a pesquisadora, Sarobá foi formado pelos negros recém libertos pela Lei Áurea. Espoliados da partilha dos bens e das fortunas que ajudaram a construir, restou-lhes isolar-se em lugares longínquos, longe das vistas de seus antigos senhores. Se essa atitude agradou aos negros, que podiam se distanciar das amargas lembranças da escravidão, agradou ainda mais aos seus senhores, pois foram tiradas das suas vistas os representantes, que, pelos seus julgamentos, eram de uma raça inferior e malquista:

Abolida a escravidão em 1888, muitos ex-cativos afastaram-se dos ex-proprietários e, portanto, dos espaços mais nobres da cidade de Corumbá, e estabeleceram-se em locais desprezados pela população local, principalmente pelas pessoas mais abastadas. Nos becos, nos locais desvalorizados, nos arrabaldes, os africanos e afro-descendentes construíram suas moradas. Era nesses guetos sórdidos que se alojavam os homens livres e pobres, excluídos sem rodeios dos espaços burgueses. (CANCIAN, 2006, p. 109).

Esse foi um movimento natural depois da abolição. Foi como uma tentativa de jogar para baixo do tapete os cativos buscados a ferro da África. Não houve nenhuma preocupação em socialização. Como não seria possível uma devolução ao continente de origem, restou aos brancos a tentativa de afastá-los para os lugares periféricos.

Elaine Cancian (2006) aponta para o desejo de um apagamento de Sarobá da história oficial da cidade branca, conforme vemos no trecho abaixo:

No início do século XX, os prósperos comerciantes investiram na construção de uma imagem que escamoteava os lugares desqualificados, como os becos, as ladeiras escuras as habitações miseráveis. Nas três primeiras décadas do século XX, um grupo de investidores comerciais, enriquecidos pelo comércio de importação e exportação, buscou deixar na memória do povo mato-grossense a idéia de uma Corumbá moderna, em desenvolvimento, representada por fotos das construções de alvenaria com um e dois pavimentos e várias aberturas. (CANCIAN, 2006, p. 112).

Isto porque “Sarobá representava a transgressão, a discriminação pungente e a comprovação de que também em Corumbá a discriminação racial e social não foi [sic] abolida no dia 13 de maio de 1888” (CANCIAN, 2006, p. 111). Contra esse esquecimento forçado do bairro de negros restaram as fotografias tortuosas e pouco nítidas de Lobivar Matos, ou seja, seus poemas. Fotografias poéticas que embora estivessem alijadas de luz e repletas de trevas, não eram, por isso, menos artísticas, como podemos ver em “Sarobá”, poema homônimo do livro, que abre a obra:

Bairro de negros,
negros descalços, camisa riscada,
beiçolas caídas,
cabelo carapinhé;
negras carnudas rebolando as curvas,
bebendo cachaça;
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
negrinhos correndo doidos dentro do mato,
chorando de fome.

Bairro de negros,
casinhas de lata,
água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama;
roupa estendida na grama;
esteira suja no chão duro, socado;
lampeão de querosene piscando no escuro;
negra abandonada na esteira tossindo
e batuque chiando no terreiro;
negra tuberculosa escarrando sangue,
afogando a tosse sêca no éco de uma voz mole
que se arrasta no escuro
pelo ar parado.

Bairro de negros,
mulatas sapateando, parindo sombras magras,
negros gozando,
negros beijando,
negros apalpando carnes rijas;
negros pulando e estalando os dedos
em requebros descontrolados;
vozes roucas gritando sambas malucos
e sons esquisitos agarrando
e se enroscando nos nervos dos negros.

Bairros de negros,

chinfirim, bagunça,
Sarobá. (MATOS, 1936, p. 9-10).

A inspiração de mostrar o esquecido vai além do retrato assaz realista de Sarobá. Em “Beco Sujo”, outro poema de *Sarobá* (1936), o poeta fotografou outro bairro de negros, dessa vez em Cuiabá. Beco Sujo, segundo Elaine Cancian (2006), era um bairro de ex-escravos, mas também frequentados por homens que, “embora considerados superiores aos negros, buscavam diversão” (2006, p. 115). Cancian se baseia na obra *Gente e coisas de antanho* (1978), de José Mesquita. Nesse livro, há o registro do depoimento de um chefe de polícia de Cuiabá chamado Santos Ferreira, que, em 3 de julho de 1876, encontrou numa roda de batuques, junto aos negros meliantes, vários guardas da polícia local.

No poema “Beco Sujo” quem visita o local é o eu-lírico do poeta. Em meio aos negros miseráveis, ele descreve a cena da seguinte maneira:

Beco estreito,
beco sujo.

O vento está soprando o unico lampeão
que continúa aceso.
O vento não gósta de luz
e quer apagar a lua que se esticou molenga
no silencio da noite.

Sombras esguias, sombras frouxas,
são cabides para meus sentimentos assustados.

Passa uma mulher magra que é esqueleto só.
Atrás dela vem um cabra danado,
zigue-zagueando,
desenhando linhas curvas,
tropeça aqui, agarra lá.

- Psiu!... Psiu!...

- Vá para o inferno, péste!

Passa uma cadelinha sarnenta correndo
E atrás um “vira-lata” latindo.

Lá adeante, no fim do beco,
um chorinho-chorado
tá dizendo que ha samba gostoso,
que a tristeza virou alegria,
que a carne não têm côr.

Sururú. Siriri. Chorinho-chorado.

Sala cheia.

Lampeões enforcados em cordas de fumaça.

São Benedito no altar.

Negro só:

Soldados de polícia, marinheiros,

gente do povo, gente simples, gente bôa.

Caminha, corre róda, não pára, pra que parar?

- O chorinho vai pegar fogo, negrada!

O rio Cuibá está quieto, encolhido,
assustado com alegria daquela gente triste.
Sento-me numa pedra á beira da água
e o chorinho-chorado me sacode os nervos
e eu me sinto mais bêbedo
que aqueles negros que clamam sem sentir,
que gritam sem saber.

Beco estreito,

beco sujo.

O vento está soprando o unico lampeão
que continúa aceso.

O vento não gosta de luz
e quer apagar a lua que se estirou molenga
no silencio da noite. (MATOS, 1936, p. 10-12)

Manuel Bandeira (1886 – 1968), poeta que forma a tríade maior da poesia brasileira, junto com Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) e João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999), comentou numa crônica o livro *Sarobá* (1936). Trata-se de uma pequena parte da crônica “A poesia em 37”, publicado no *Anuário Brasileiro de Literatura*, de 1938, e recolhido por Júlio Castañon Guimarães em *Manuel Bandeira: Crônicas inéditas 2* (2009) no qual o poeta comenta autores como Adalgisa Nery, Olegário Mariano, Ademar Tavares e outros.

Bandeira (2009, p. 174) aponta para o “forte sabor regional” dos poemas de Lobivar. Como exemplo, o crítico literário cita os primeiros vinte e um versos de “Sarobá”. Toma-os de exemplo para inferir sua análise sobre a poesia do livro:

Basta essa pequena transcrição para dar a ideia da poesia de *Sarobá*; técnica – verso livre com recorrência de certos ritmos regulares batidos; fundo – um sentimento realista que ousa chegar até à obscenidade, como no poema “Sexo” (dos melhores do livro, mas infelizmente impossível de transcrever), inspiração revolucionária, revelando-se às vezes de maneira direta, às vezes sob forma alegórica (poema “Derrocada”). Ou na generosa simpatia para com os pobres, os esmolambados [...] (BANDEIRA, 2009, 174-175).

Vemos como numa análise simples, mas muito sensível Manuel Bandeira destaca os pontos mais relevantes da poesia do artista corumbaense. Seu verso livre, mas com ritmo sincopado, seu realismo carregado, sua inspiração revolucionária, sua simpatia para com os marginais, são todas características marcantes de sua poética.

Bandeira menciona o poema “Sexo”, dos versos “Menino-galo, / que entra no galinheiro / e “gala” toda galinha carijó, / que encontra chocando” (MATOS, 1936, p. 71). A descrição da inocente libertinagem dos moleques de sítio, feita de maneira absolutamente realista por Lobivar Matos, soava obscena para se publicar no *Anuário*. Bandeira também faz referência a “Derrocada”, poema que descreve a cena de uma enchente, com suas

“aguas barrentas” que, subindo, “vão beber todos os ranchos dependurados na barranca” (MATOS, 1936, p. 83).

Considerações finais

O estado de penúria do bairro marginal corumbaense comoveu Lobivar Matos e o inspirou a registrar aquela miséria em poesia. A dureza da vida registrada perante sua poesia realista formou imagens duras, escuras, como precaveu o poeta. Dessa fatura ficou a obra, um registro precioso, regional. O gosto forte desse regionalismo é o que parece ter marcado Manuel Bandeira. Tanto que o poeta assevera que o “regionalismo de *Sarobá* nada tem a ver com aquele outro de fancaria feito para divertir as grandes capitais do litoral. É um regionalismo genuíno, bem solidarizado com o grande drama universal que vivemos” (BANDEIRA, 2009, p. 175). Esse elogio não é gratuito. Na verdade, Bandeira percebe o que talvez seja a maior virtude da poesia de Lobivar Matos: seu regionalismo humano, às vezes duro, mas livre de afetações.

Bibliografia

MATOS, Lobivar. *Areôtorare*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1935.

_____. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas inéditas II, 1930-1944*. Organização, posfácio e notas: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CANCIAN, Elaine. *A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza – o caso de Corumbá (MS)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.